



Ana de Jesus
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Filipa Rodrigues

Ana Isabel Fernandes

Ana Cristina Pereira

Transcrição

Ana Cristina Pereira

Edição da História de Vida

Liliana Monteiro

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-10-5

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Ana de Jesus

Ana de Jesus nasceu a 11 de Junho de 1921, em Soito da Ruiva. Filha de António Fontinha e de Urbana de Jesus, teve sete irmãos, três raparigas e quatro rapazes. Um dos rapazes era seu irmão gémeo. Ana de Jesus casou com Armando Alves, a 28 de Julho de 1945, natural da Camba, Pampilhosa. Tiveram um filho, que lhe deu dois netos. Hoje é bisavó de duas meninas.

Conteúdo

Identificação <i>Ana de Jesus</i>	4
Ascendência “ <i>Tinham que fazer pela vida</i> ” . . .	4
Infância “ <i>Achava a gente graça a tudo</i> ”	7
Educação “ <i>Não andei na escola</i> ”	8
Namoro “ <i>O meu pai e os meus irmãos é que me liam as cartas</i> ”	8
Casamento “ <i>Um xaile e lenço na cabeça</i> ”	8
“ <i>Abalou e veio falar com os meus pais</i> ”	11
<i>De licença na algibeira</i>	12
Casa “ <i>Cheia de gente</i> ”	14
“ <i>Mulheres de força</i> ”	14
Descendência “ <i>Estamos cá para te ajudar</i> ”	15
Quotidiano “ <i>Todas as vidas têm espinhos</i> ”	17
“ <i>Vendia-se o que sobrava</i> ”	19
“ <i>Dançava quando calhava</i> ”	22
“ <i>Boa guardadora</i> ”	22
Costumes “ <i>Fazer a diferença</i> ”	22
“ <i>Era uma paródia</i> ”	23
“ <i>O Natal era fartura</i> ”	23
“ <i>Fazia-se o queijo</i> ”	24



Fotografia 1: Ana de Jesus.

Identificação *Ana de Jesus*

O meu nome completo é Ana de Jesus. Tenho 85 anos e nasci em Soito da Ruiva.

Ascendência “*Tinham que fazer pela vida*”

O meu pai chamava-se António Fontinha e a minha mãe Libânia de Jesus. Viviam em Soito da Ruiva numa casa, perto da minha, que agora está queimada.

Os meus pais tratavam a terra, iam fazer carvão e semeavam milho, feijão e batata. Tinham que fazer pela vida, pois não tínhamos dinheiro. Também tínhamos



Fotografia 2: Ana de Jesus.



Fotografia 3: Manuel Silva Alves, irmão mais novo de Ana de Jesus.

gado em casa: ovelhas e cabras.

O meu pai era filho único, não tinha mais irmãos. Logo depois de nascer a mãe dele morreu, tinha apenas 4 anos. Foi o meu avô que arranjou uma mulher para vir tomar conta dele e assim lá o criaram. É assim a vida! A minha mãe tinha um irmão e duas irmãs que também viviam em Soito da Ruiva.

Tinha sete irmãos, sou a única viva. Alguns viveram na aldeia, apenas um foi para o Sobral Gordo. Quando nasci tive um irmão gémeo. Éramos oito filhos no total.

Ao meu irmão gémeo não puseram nome porque nasceu morto, então não podiam pôr nome. O meu irmão mais velho chamava-se António, o outro era Manuel, uma irmã minha chamava-se Maria Urbana, depois a

Rosa e eu. Tinha um irmão que chamavam Bernardino, entre mim e outro irmão meu. Eu nasci com um gêmeo. O mais novo chamava-se Júlio.

Infância “Achava a gente graça a tudo”

A minha infância foi muito difícil! Não era como agora. Semeávamos o milho, tínhamos que cavar a terra e levar gado para o mato. Tínhamos que fazer isto tudo, mesmo quando estava frio, pois os animais tinham que comer.

Recordo-me que fazíamos tudo descalços. Nem tamancas tinha, quanto mais sapatos! Quantas vezes andei descalça no gelo! Nessa altura, brincávamos na neve. Fazíamos bolas e outras coisas altas para depois ficarmos a admirar.

Na altura havia cá muita rapaziada. Agora não há cá ninguém, mas nessa altura havia. Havia casas com sete, oito pessoas. Agora têm uma ou duas. Mas naquela altura não era assim.

Naquele tempo achava a gente graça a tudo. Brincávamos uns com os outros. As raparigas umas com as outras. Andávamos no gado e dançávamos em cima das penedas.

Os rapazes tinham mais jeito para jogar à bola e outros jogos. Dançávamos umas com as outras e eles lá andavam na vida deles por outro lado. Também havia mais respeito. Naquele tempo, as coisas eram diferentes.

Havia uma brincadeira que fazíamos com um cântaro. Atirávamos o cântaro uns para os outros. Os que o seguravam, seguravam, quando não o seguravam, ia parar ao chão e partia-se. Era uma risada!

Também fazíamos o jogo da semana. Fazíamos um risco no chão e depois deitávamos uma pedra. Se ela caísse para o sítio que a gente havia de pôr, bem. Se nos caía mal, a gente perdia. Apenas jogava uma ou duas pessoas. Era um jogo de raparigas. Os rapazes não jogavam.

Os rapazes jogavam à chona. Era com uma bola e faziam uns buracos no chão. Quem lá metia a bola ganhava, quem lá não metia perdia. Juntavam-se todos!

Não era para valer de nada. Era só uma paródia!

Brincávamos ao pé da escola, na altura em que ainda não existia. Havia um largo, um centro muito grande, onde depois construíram a escola. Antes, esse largo era utilizado também para estender e secar o milho nas eiras.

Educação “*Não andei na escola*”

Eu não andei na escola. Dos meus irmãos só o mais novo é que andou na escola. Os outros aprenderam a ler e a escrever com o meu pai.

Esse meu irmão andou na escola do Sobral Magro. Era longe, ia e vinha a pé. Ficava lá o dia todo. Naquele tempo, a vida era muito difícil. Não deixavam as raparigas aprenderem. Ficavam a trabalhar, como eu. Os mais velhos tinham medo que elas escrevessem para os rapazes sem eles saberem.

Namoro “*O meu pai e os meus irmãos é que me liam as cartas*”

Não me lembro como conheci o meu marido. Acho que foi nas festas que a gente se conheceu. Chamava-se Armando Alves. Não era de Soito da Ruiva, só veio para cá quando se casou. Era da Camba. Eu tinha uma tia, irmã da minha mãe, na Camba. De vez em quando, a gente ia lá à festa, à casa da minha tia. Foi assim que a gente se conheceu.

Entretanto, ele foi para Lisboa trabalhar e de lá começou a escrever-me. Sei que andava a limpar as chaminés! Escrevíamos um ao outro e foi assim o nosso namoro. Namorámos para aí um ano, mais ou menos. Ele sabia ler, eu não. O meu pai e os meus irmãos é que me liam as cartas, pois sabiam ler.

Casamento “*Um xaile e lenço na cabeça*”

Antigamente fazíamos os casamentos de qualquer maneira. Não é como agora! Cá quando era nos casamentos levavam um xaile e um lenço na cabeça. O lenço não era



Fotografia 4: Ana de Jesus (à dir.) com a nora, Maria Ar-
minda Mendes Bento Alves.



Fotografia 5: Armando Alves, marido de Ana de Jesus, com familiares.



Fotografia 6: Ana de Jesus no casamento da neta Ana Margarida Bento Alves.

preto. Agora quando me casei já havia muitos lenços negros. Mas primeiro era um lenço qualquer, era conforme se podia. Os casamentos não eram como agora em que casam num dia e no outro já andam com outro.

Organizámos o casamento por cartas. Mas, ao fim, ele veio cá pedir a minha mão em casamento.

“Abalou e veio falar com os meus pais”

Uma vez veio à terra dele e tinha-me escrito para eu lá ir ter. Eu é que depois não quis ir. Disse:

- Não vou.

Disse para os meus pais:

- Vão vocês, que eu não vou!

E ao fim, foi uma mulher daqui lá para a festa, encontrou-o e disse:

- "Olha, a Ana disse que não vinha."

Também escusava de lhe dizer. Ele abalou e veio falar com os meus pais. Ele queria fazer o casamento. Sem a ordem dos meus pais, não o podia fazer.

Já tinha 24 anos quando casei. Não fazia mal, mas não queria ficar mal vista. Já tinha a idade para me casar sem autorização. Mas para a gente o respeito é tudo. Naquela altura elas casavam-se com 16-17 anos, mas era preciso os pais irem a Arganil assinar. Os rapazes só a partir dos 21 é que não eram menores.

Depois casei-me em Julho. Naquele tempo também havia mais respeito do que agora. A gente desviava-se o que podia para não dar que falar ao povo. Pois agora, os jovens não se importam que dêem que falar, nem que não dêem. É como se vê!

Fiz festa de casamento, graças a Deus. Foi em casa dos meus pais. A missa foi aqui na capela de Soito da Ruiva, veio cá o padre. Naquele tempo, tínhamos de tirar uma licença para ser numa capela. Como ele não era de cá e para os pais, para a família dele não vir nas vésperas, veio só no dia do casamento de manhã e foram só ao outro dia de manhã.

De licença na algibeira

Ele preparou tudo e, ao fim, disse:

- "Olha, falei com o padre, fazemos o casamento ali adiante."

E eu disse:

- "Então não é preciso uma licença?"

Respondeu:

- "Eu já cá tenho a licença, já a tenho paga. Está aqui na algibeira. Já não há mudança nenhuma."

Foi assim que a gente fez o casamento.

Antigamente, as noivas não compravam vestido, usa-



Fotografia 7: Armando Alves, marido de Ana de Jesus.

vam um fato. A gente até levava um xaile de merino. Eu levava um lenço e uma roupa. Não comprei mais nada.

Nessa altura, nos casamentos, ninguém oferecia nada a ninguém. A mim não me deram nada. O meu pai deu-me ao fim os terrenos e era muito. A sorte que ele me deu dava 30 alqueires de milho.

Gostava muito do meu marido, pois era meu amigo. Não me faltava com nada. Já morreu há 41 anos. Na altura, eu tinha 44 anos. Há muita gente que diz:

- "Ah, então morre o marido, arranja-se outro."

Mas não é bem assim. Eles são a nossa família.

O meu rapaz tinha 18 anos quando o pai morreu. Naquele tempo, só aos 20 e tal anos é que tinham a maioridade. Tive de recorrer a um Conselho de Família. Agora

nem há o Conselho de Família mas naquele tempo, tive de arranjar cinco homens e um tutor para tomar conta dele. O tutor é que era o responsável e quem tomava conta dos menores. Na altura, tive de fazer um inventário de menores em Arganil. O tutor foi um tio dele da banda do pai. Ajudou-nos muito e era muito nosso amigo.

Casa “Cheia de gente”

Antigamente, no Soito da Ruiva todas as pessoas tinham terrenos e uma casinha para viver. As casas somenos, mas bem viviam lá. Morava cá muita gente. Estas casas estavam todas povoadas. Não havia casa nenhuma que não tivesse gente. Agora estão todas sem ninguém. Uns morreram, outros foram para Lisboa. Não há cá ninguém, a bem dizer.

Quando era pequena vivia numa casa cheia de gente. Tinha que se viver de qualquer maneira. Trabalhava-se muito na fazenda por modo de a gente se governar. Era bem preciso.

Quando me casei fiquei em casa dos meus pais. Mas tinha uma casita, aqui perto da minha, que o meu pai me emprestou. Depois, o meu marido comprou-a e mandaram arranjá-la, porque era uma palheira. Esta casa onde moro agora, já a construí mais tarde. Comprámos o terreno e mandámo-la fazer.

“Mulheres de força”

Na nossa aldeia, as casas são de pedra. Para fazê-las tivemos que carregar a pedra às costas e à cabeça. As raparigas é que as carregavam. As mulheres de cá eram mulheres de força. Ajudaram a construir muitas casas carregando as pedras às costas e à cabeça. Nós ganhávamos dinheiro, mas era uma coisa de nada. Eram 25 tostões. Na altura, cinco escudos era já um bom dinheiro. Mas bem, naquele tempo, fazia jeito. Era muito.

O dinheiro que ganhava dava aos meus pais. Eles tinham de nos governar, dar de vestir e calçar e onde é



Fotografia 8: Júlio Fontinha Alves, filho de Ana de Jesus, durante o serviço militar.

que eles tinham o dinheiro? Tinha que ser assim.

Descendência “*Estamos cá para te ajudar*”

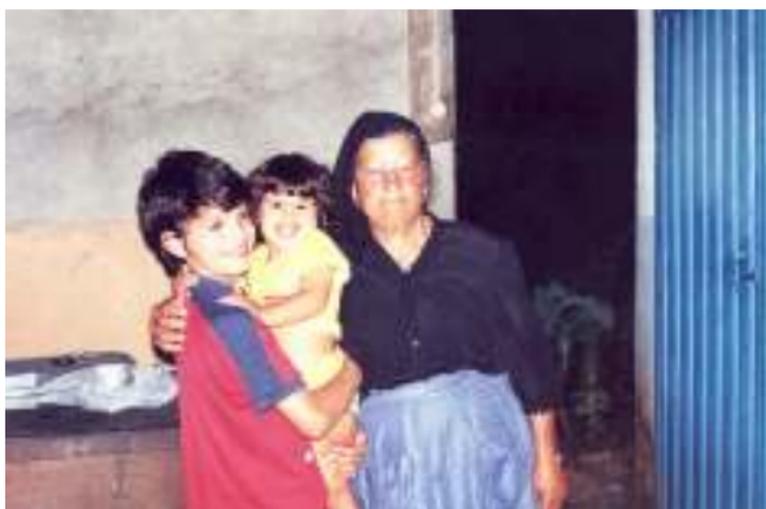
Ainda demorei algum tempo a engravidar. Casei em Julho e só no outro ano, em Maio, é que alcancei. Como ele foi para Lisboa, depois de a gente casar, acabou por estar apenas dez dias ao pé de mim. Por isso, a demora. Mas quando fiquei grávida fiquei contente e o pai também. Gostava muito de tê-lo e ter família. Agora, fiquei triste.

Dei muita volta para criar o meu filho. Levei-o muitas vezes às costas para as fazendas. E agora fiquei sem nada. Para cultivarmos a fazenda, tínhamos que os levar. Não o podia deixar sozinho em casa, era pequenino. Não tinha ninguém que ficasse com ele, porque os meus pais também cultivavam a fazenda deles. Tanto trabalhei para ficar sem nada.

Agora, não tenho nada. Sempre tenho os netos, que



Fotografia 9: Neta, Ana Margarida Bento Alves (à dir.), e bisneta de Ana de Jesus.



Fotografia 10: Ana de Jesus com o neto, Rúben Bento Alves, e a bisneta Daniela. Soito da Ruiva.

também são muito meus amigos. Eu também sou amiga deles. Fiquei muito contente quando soube que ia ter a primeira neta. Era uma menina e tinha muita idade em relação ao irmão. Ela já tinha, se calhar, uns 18 ou 19 anos quando nasceu o irmão. A minha neta chama-se Ana Margarida e o neto Rúben.

Já tenho duas bisnetas, filhas da minha neta. É uma alegria muito grande. Ela tem cá vindo com elas. A mais velha, no dia em que morreu o avô, quando me viu a chorar, disse:

- "Avó, não chores, que nós estamos cá para te ajudar."

Elas não vêm cá muitas vezes. Vieram duas vezes depois que o avô morreu. Todas as semanas falo com eles. Mas agora nem já vejo bem para poder ligar. Estou muito mal da minha vista.

Quotidiano “*Todas as vidas têm espinhos*”

A gente ia e vinha para o mato descalça. Não andava a gente calçadinha como agora. Algum dia se usavam meias, mesmo de Inverno?

E a roupa, não havia combinações como agora há. Todas as vidas têm espinhos. Nessa altura não havia roupa feita, tínhamos de comprar o pano e fazê-la. Cada



Fotografia 11: Daniela, bisneta de Ana de Jesus.



Fotografia 12: Rúben Bento Alves, neto de Ana de Jesus.

um remediava-se conforme podia. Eu para mim já a fazia. Senão tinha de pagar a quem a fizesse.

Em Soito da Ruiva não havia alfaiates nem sapateiros. Tínhamos que ir ao Sobral e a Pomares para mandar fazer os sapatos. Só se compravam umas tamanquitas. Agora não se usam tamancas. Mas, naquele tempo, o nosso calçado eram as tamanquitas. Levávamos quando íamos para o mato mas, ao fim, para trazer os molhos, tínhamos que as tirar e vir descalças, porque escorregavam. Os caminhos não são bons, são ruins e andávamos por onde calhava.

“Vendia-se o que sobrava”

Para a gente ter algum dinheiro vendia-se o que sobrava de milho, feijão ou batata. Aquilo que sobrava de comer. Mas, com tantos filhos, o quê que podia sobrar? Aqui a vida era assim. Uma sardinha era partida por dois. Não era fácil! Não havia fartura.

Quando tosquiávamos as ovelhas, por exemplo, aproveitávamos a lã e comprávamos as mantas. Vendia-se a lã e trocava-se por mantas, para se remediar tudo. A vida era muito difícil.

Nós, graças a Deus, em casa do meu pai nunca passáramos fome. Às vezes, era pão de milho só e a sopa.



Fotografia 13: Jessica, bisneta de Ana de Jesus.



Fotografia 14: Júlio Fontinha Alves, filho de Ana de Jesus.

Isso não faltava. Os queijos queríamos vendê-los para fazer algum tostão. Como é que haviam de os comer? Se o comiam, não os vendiam.

Na altura, não tínhamos electricidade nem água, nada. Eu ia buscar água às fontes. Uma barroca era perto da minha casa e havia outra no cimo do povo. A gente ia buscar a água nos cântaros. Era água da nascente e muito boa. Ainda era mais limpa do que agora. Mesmo quando nevava no Inverno, não congelava porque estava sempre a correr.

“Dançava quando calhava”

Antigamente, as festas eram para a gente comer, beber, dançar e se divertir. Havia música, um senhor que tocava umas concertinas e umas guitarras. Não era como agora. Os bailes ainda eram melhores do que agora. Eu dançava quando calhava. E isso do baile não perdi.

“Boa guardadora”

Ouvia-se falar em lobos, por aqui, mas cá nunca vi nenhum. Iam ao gado e nós deixávamos, quando dávamos conta os lobos levavam as cabras e as ovelhas. A mim nunca me levaram nenhuma. Mas a alguns vizinhos levaram-lhes muitas. Nunca perdi nenhuma nem nunca deixei levar nenhuma. Era boa guardadora. Na altura, quando era para levar o gado juntava-se muita gente.

Agora, também já não há cá animais. Havia cães, gatos, havia de tudo. Agora é que não há. Quem tem animais tem de fazer limpeza e não posso fazer. Para isso, mais vale não ter nada. Eu assim como estou sei que a casa está mal, mas sempre lhe vou dando um jeitito e as meninas do centro de dia vêm cá todas as semanas e limpam. Se me atrevesse a ter animais, já não podia ter a casa assim.

Costumes “Fazer a diferença”

Havia o costume em Soito da Ruiva de se dar nomes iguais às pessoas. Então, arranjavam-se outros para se

distinguir. Por exemplo, chamam-me Ana da Relva, porque moro aqui ao pé da relva. Havia outra a quem se chamava a Maria dos Tojos, o meu irmão era Júlio da Relva também. Cá era assim. Era a forma de se fazer a diferença.

Em primeiro, as pessoas eram amigas umas das outras. Durante as colheitas todos ajudavam e ninguém levava nada. Hoje comia-se em casa de um, amanhã em casa de outro. E era assim. Mas quando havia fartura de milho não se dava uns aos outros. Vendia-se para fazer algum dinheiro, pois não havia outro meio de ganhar algum. A gente media o milho pelos alqueires. Se calhar ainda há alqueires. Mas agora quem é que vende milho? A terra está toda de cheia de relva.

O pouco dinheiro que se ganhava era para comprar o que faltava para se comer. Senão só se comia broa e não podia ser. Mas muitas vezes era assim.

“Era uma paródia”

No São João a gente dançava e cantava toda a noite. Também queimavam o gato. Punham um pau muito grande com palha no largo e um gato dentro de um cântaro de barro. Depois botavam lume. O cântaro caía e o gato fugia. Era uma paródia.

Também se saltava à fogueira. Não havia nada especial para comer nesse dia, porque não havia dinheiro para nada.

“O Natal era fartura”

O Natal aqui era como agora. Recordo-me que no Natal ninguém se deitava antes da meia-noite para comer os torresmos. Depois de matar, com licença, os porcos, guardavam uma parte para aquele dia para fazer os torresmos. Mas esperavam que desse a meia-noite para os comer. Agora é logo de manhã, quanto mais à noite.

O Natal era fartura. As pessoas guardavam tudo para o Natal. Às vezes, juntavam as famílias, quem tinha. Nesse tempo, vinham cá dizer a missa. Agora o nosso

padre vem cá dizer a missa sempre no dia dos Reis, no dia 6 de Janeiro. Fazemos o presépio na capela. Alguns também fazem em casa. Eu e o meu neto fazíamos, mas agora não, depois que o pai morreu não lhe apetece nada.

Na altura, não havia muito dinheiro e não se fazia muitos doces, apenas o arroz doce. E às vezes nem todos o faziam. Nem todos tinham posses para comprar o açúcar e o leite para botar no arroz. Também havia quem fizesseigeladas e coscoréis. Mas isso era já mais tarde, que em primeiro não havia dinheiro para nada.

“Fazia-se o queijo”

Eu sei fazer o queijo, mas agora não faço. Para fazer o queijo usava-se um prato e um achincho e fazia-se com as mãos. Tirava-se o coalhado, arranjava-se uma panela limpinha. Tinha de ser limpinha, porque se fosse com gordura aparecia no queijo. Tinha de ser uma panela que não servisse ao leite. Tirava-se e fazia-se o queijo. Punha-se num prato, ao fim, coalhava-se e depois ia-se lavando para curar.

O queijo demorava pouco tempo a fazer. Então, era pouco leite, não podia fazer muito, não demorava muito tempo. Demorava muito para quem tinha essas herdades grandes, com muita rês. Ora, a gente aqui só tinha cabras e ovelhas. Havia pessoas que faziam queijos todos os dias, mas eram pequenos.

Hoje compra-se o leite. Mas naquele tempo era do gado. Ordenhava-se o gado, por exemplo, de manhã quando ele botava. E à noite tornava-se a ordenhar. Assim já fazia um queijo. Às vezes fazia-se só com uma ordenha. Ou de manhã ou à noite, conforme o leite, faziam-se uns queijos maiores e outros mais pequeninos.